

“Nova meta climática do Brasil terá impacto no acordo UE-Mercosul”⁽¹⁾

Yvon Slingenberg
Daniela Chiaretti

A agenda global climática e a comercial estão cada vez mais próximas. O sinal que o Brasil fizer ao divulgar sua nova meta no Acordo de Paris pode repercutir nos avanços em torno da ratificação do acordo União Europeia-Mercosul. “Não é só a comunidade ambiental que têm que se preocupar com isso”, recomenda Yvon Slingenberg, diretora de Ação Climática da Comissão Europeia, o braço executivo da União Europeia.

A advogada holandesa atuou nas negociações climáticas internacionais, tornou-se especialista no sistema europeu de comércio de emissões de carbono e em políticas de adaptação e resiliência à mudança do clima do bloco. Hoje Yvon ajuda a estruturar a transição do continente para a descarbonização até 2050, o “Green Deal” europeu. O esforço é simultâneo à retomada da economia. “Qualquer ação que tomarmos agora para sair da pandemia terá que apoiar a transição verde.”

A transição da sociedade europeia “vai custar muito dinheiro, não estamos negando. Mas vamos colocar muitos recursos para colocar a economia de volta nos trilhos e, ao mesmo tempo, para a transição verde”, diz. Boa parte dos recursos será investida na “transição justa”, ou seja, no apoio às pessoas e às regiões europeias mais afetadas pela mudança, como as ligadas à exploração de carvão.

Há boas oportunidades para o Brasil na aposta energética da Europa, o hidrogênio, que deve ser produzido a partir de renováveis, e não combustíveis fósseis, diz ela.

Yvon Slingenberg detalhará o andamento do “Green Deal” europeu no encontro de hoje dos governadores, como palestrante-convidada. Ela falou ao Valor de sua casa, em Bruxelas, onde trabalha durante a pandemia. A seguir, trechos da entrevista:

Valor: Qual a importância do evento com os governadores?

Yvon Slingenberg: Estou feliz com este encontro porque a troca é importante. Vamos compartilhar a perspectiva europeia de como trabalhamos no nível municipal com os Estados-membros. Muito da transição verde tem que ocorrer via ações dos governos locais.

Valor: Como está caminhando o “Green Deal” europeu?

Yvon: Nossa abordagem para a transição em direção a uma sociedade próspera, de baixo carbono e resiliente, com todo o choque que experimentamos com a covid, é que todas as políticas e todas as ações têm que apoiar esta transição. Um ano depois de termos anunciado o “Green Deal”, estou encorajada pelo fato de estarmos muito determinados a seguir por este caminho mesmo com a pandemia. Os líderes europeus têm dito que qualquer ação que tomarmos agora para sair da pandemia terá que apoiar a transição verde. Negligenciamos por muito tempo o que a deterioração ambiental pode causar a todos. Junto a esse esforço também estamos trabalhando na transição digital.

Valor: Os dois movimentos se complementam?

Yvon: Muitas ações que miram a digitalização da sociedade também podem ajudar na transição verde. Um exemplo típico é o dos medidores inteligentes de energia. Outro é na indústria, em ter mais eficiência nos processos. Pode haver um esforço combinado entre a transição verde e a digital.

Valor: As políticas europeias convergem agora na mesma direção?

Yvon: Mais de um terço dos recursos da retomada econômica será dirigido a ações climáticas específicas. Isso está combinado com a decisão que o restante do dinheiro não pode ir na direção contrária. O que não for dirigido diretamente para clima não pode mais financiar combustíveis fósseis.

Valor: Pode dar exemplos da experiência europeia?

Yvon: As reformas dos prédios, por exemplo. Isso ajuda imediatamente os empregos e pode criar empregos de qualidade, pensando na digitalização. Acabamos de lançar uma estratégia neste campo, a “Renovation Wave” para trabalharmos com os Estados-membros, e eles, com suas cidades. Outra frente é promover uma agricultura mais sustentável. E há iniciativas em relação ao hidrogênio.

Valor: Pode dar detalhes sobre a estratégia de hidrogênio?

Yvon: Estamos trabalhando em parcerias com indústrias. Os investimentos terão que ser grandes, mas, se combinarmos recursos da UE com recursos nacionais e do setor privado, podemos dar impulso no desenvolvimento desta tecnologia e começar projetos-piloto.

Valor: Há muito sol no Nordeste do país e bons ventos também. Há oportunidades para o Brasil?

Yvon: Sim. Estamos muito interessados em ter parceiros em novas tecnologias e em hidrogênio, particularmente. Na Espanha, que tem sol ilimitado, discutimos como avançar com a produção de hidrogênio a partir de renováveis. No norte da Holanda havia muito gás e o governo decidiu ir eliminando esta fonte de energia. Vem investindo muito em parques eólicos na região, que está se colocando como “o vale do hidrogênio do norte da Europa”. É uma perspectiva nova e promissora para regiões que dependiam de combustíveis fósseis. O Brasil tem grande potencial em energias renováveis.

Valor: A transição verde exigirá muito investimento?

Yvon: Vai custar muito dinheiro, não estamos negando. Mas, ao mesmo tempo, vamos colocar muitos recursos agora para colocar a economia de volta aos trilhos e gerar empregos. Esse dinheiro que já estava acertado antes da covid-19 vai ajudar na transição. Temos o contexto terrível da pandemia, mas temos de outro lado recursos que podem ajudar na descarbonização da economia.

Valor: Em Amsterdã, o metrô é movido a partir da queima do lixo da cidade. Muito pode ser feito no plano local, não é?

Yvon: Muito. Mobilidade é um tema crucial. Se há necessidade de investir em transporte público, em como carregar veículos elétricos, em fortalecer o sistema ferroviário, são decisões excelentes e que podem ajudar nos dois caminhos, na retomada e na transição verde.

Valor: Estamos às vésperas da eleição nos EUA. Se o democrata Joe Biden vencer, promete descarbonizar a economia até 2050. O Japão, está neste rumo, a China sinaliza também. Como esses movimentos podem redesenhar o mundo?

Yvon: Consideramos esses movimentos extremamente positivos. Quando nos comprometemos com a neutralidade em carbono, dissemos claramente que não basta a Europa fazer isso sozinha para que os perigos da mudança climática desapareçam. Outros têm que seguir. Mas estamos determinados a liderar pelo exemplo. É muito bom ver quão rápido avanços em novas tecnologias estão ocorrendo, o custo das renováveis reduzindo. A mudança do clima não é impedimento ao crescimento econômico. É o contrário. Os países estão se dando conta de que, se não entrarem nesta rota, perderão vantagens competitivas que podem tornar economias prósperas. É o que as pessoas estão pedindo na Europa. Quanto mais grandes emissores tivermos a bordo, mais teremos escala, a transição será mais barata e cumprimos as metas do Acordo de Paris.

Valor: Os atores locais e as empresas podem fazer a roda andar?

Yvon: Sim. É muito encorajador ver governos locais e o mundo dos negócios reconhecendo que esse é o caminho a seguir. Estamos ansiosos em cooperar de perto com o Brasil, esperando também ter uma cooperação construtiva no nível federal. Na Europa, nos últimos anos, construímos uma governança de múltiplos níveis para esta transição. E queremos investir em uma transição justa.

Valor: O que isso quer dizer?

Yvon: Pessoas podem se sentir ameaçadas em seus trabalhos e em sua vida com a transição. Elas têm que ser incluídas. Temos que ver quais medidas de apoio e novos treinamentos têm que ser feitas. A transição pode ter muitas implicações negativas para os setores ligados ao carvão e empresas como as fabricantes de automóveis. Transição justa é reconhecer que há setores da economia e da sociedade que dependem de combustíveis fósseis. É preciso treinar essas pessoas. Criamos um mecanismo para isso. Há um fundo com recursos que podem vir do setor privado e de bancos de investimento, combinado a um processo em que se olha com lupa setores e regiões especiais. Em algumas regiões da Europa, a transição será mais difícil e ali teremos que dar apoio adicional.

Valor: Como correm as discussões sobre a criação de uma taxa de carbono de fronteira?

Yvon: Na Europa temos o ETS, o comércio de emissões de carbono, que cobre o setor energético e indústrias de cimento, siderúrgicas, fertilizantes, vidro, celulose. Como elas têm que pagar pelas suas emissões, sempre fomos conscientes do fato de que isso poderia levá-las a deixar a Europa. Tentamos evitar o “vazamento de carbono”. E é aí que o conceito de ajuste de carbono começou a se formar. Ainda estamos desenvolvendo o conceito e olhando para custos e benefícios de cada opção. A proposta será feita no verão de 2021 e possivelmente implantada em 2023.

Valor: As agendas comercial e climática estão cada vez mais relacionadas.

Yvon: Sim. No caso da UE estamos convencidos de que temos que deixar essas mensagens muito claras em todas os nossos diálogos políticos e nas nossas relações comerciais. Na Europa, com a transição, a demanda por produtos irá ser impactada. Vamos exigir das empresas saber que tipo de produtos estão comprando e qual o seu impacto não só na Europa, mas também fora. Não é só a comunidade ambiental que têm que se preocupar. Temos que ter debates abertos, porque isso vai afetar a todos. Estamos tendo boas discussões com nossos parceiros africanos, do que isso significará para as economias deles. O mesmo queremos ter com o Brasil.

Valor: Qual a expectativa em torno do acordo UE-Mercosul?

Yvon: Todos os Estados-membros têm de ratificar o acordo. E isso está em discussão. Na comissão estamos positivos com o resultado do acordo, mas as pessoas estão preocupadas se o que foi acertado no papel está realmente sendo implementado.

Como, por exemplo, os lados vão implementar o Acordo de Paris totalmente. Há dúvidas a esse respeito. Nos Parlamentos estão sendo discutidos o que se vê sobre o desmatamento na Amazônia e as políticas do governo federal. Ter discussões abertas sobre esses temas, entre a Europa e países do Mercosul, é o melhor para o processo de ratificação e para eliminar as suspeitas e dúvidas. Vemos mais abertura do lado brasileiro para discutir a situação da Amazônia. Isso é muito bom.

Valor: A nova meta climática do Brasil será importante também para o acordo? Será um sinal?

Yvon: Diria que sim. Qualquer sinal que vier do Brasil em termos de aumentar a ambição e como planeja implementar isso, melhor será. Aceitamos que haja diferentes velocidades e ênfases. O Brasil fez muito em termos de energias renováveis. Talvez o desafio seja mais nas florestas e em transporte, podemos intensificar a cooperação nesses fronts.

(1) Entrevista publicada no Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/10/29/nova-meta-climatica-do-brasil-tera-impacto-no-acordo-ue-mercosul.ghtml>. Acesso em 29 de outubro de 2020.